



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 3 de Julho de 1976 * Ano XXXIII — N.º 843 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

HABITAT

A cada Família o seu lar

Realizou-se em Vancouver, Canadá, de 31 de Maio a 11 de Junho, uma Conferência das Nações Unidas sobre instalações humanas.

Não dei fé de qualquer notícia, mas diz-me o Júlio que se lembra de um pequeno telegrama em um dos seus jornais. É pena que o assunto não fosse tratado com relevo, pois ele diz respeito a todos os homens de todos os países e ninguém tem o direito de alhear-se.

Recolhemos dados de uma folha do Centro da Informação Económica e Social da referida Organização mundial, habitualmente recebida, sempre que o tema é Habitação ou trata de problemas afins.

O elemento mais fundamental do conjunto de vários ligados à instalação de grupos humanos é o da casa que, para cerca de metade da população mundial, é infra-humana ou não existe. O panorama apresentado é, na verdade, aterrador: em Addis Abeba, por exemplo, 90% da população mora em bairros de tugúrios. Em Ankara, Calcutá e Cidade do México há cerca de 4 milhões de pessoas classificadas como «habitantes espontâneos». E não é só na África e na Ásia e na América Latina; em França calcula-se em 25.000 o número de pessoas que ainda vivem em cavernas.

Aterrador o panorama — dizia — não só por este estado de intensa miséria e de profunda desumanização, como, sobretudo, pela sua tendência crescente. É que o ritmo de crescimento de moradias é de uma por cada dez pessoas que crescem a população mundial.

É baixíssima, quer a nível de programas nacionais de desenvolvimento social, quer ao da assistência internacional a estes programas, a prioridade dada à habitação. E no entanto, com o preço de um submarino nuclear poderiam construir-se alojamentos urbanos para 50.000 pessoas. Este o grande escândalo!

Mas outros elementos convergentes à instalação de pessoas, marcam também por ausência em percentagens enormes: o abastecimento de água ao domicílio, a energia eléctrica, os esgotos... Por outro lado, o não acesso à informação impede numerosíssimos grupos humanos de se defenderem e procurarem melhoria de sorte; a falta de vias de comunicação provoca migrações des-

Continua na QUARTA página

«A casa é pertença natural do homem, como a concha do crustáceo e o ninho dos passarinhos. Sem ela, sua ou à mão, o homem sofre. O seu sofrimento, por justo e imerecido, causa desordem.» (Pai Américo)

No local onde escrevemos não dispomos de dados completos sobre o movimento dos pequenos auxílios entregues aos Auto-construtores durante o corrente ano. Só sabemos que despachamos ainda hoje seis ou sete cheques e já se abeiram de nós outros pretendentes. Sem espaventos vamos distribuindo do que nos chega às mãos e estamos certos que o caudal não estancará, já que as necessidades se vão multiplicando, independentemente dos «slogans» ou das demagogias. O resto é conversa balofa e inoperante.

Recebemos de vários lados pedidos de comparação ou de informações. A todos vamos respondendo, já que a presença física se torna inviável. Confiamos nos Párocos e através deles procuramos canalizar a solução de cada problema. Só solicitamos que aqueles façam «seu» cada caso, não bastando mera informação mas que assumam a responsabilidade do «mesmo», em consciência. Mais, exigimos que a construção seja segura e de suficiente dimensionamento e de divisões para a boa higiene física e moral da família que a irá habitar; logicamente, colocamos ainda como condição que o nosso auxílio torne viável a conclusão das obras iniciadas, já que seria inútil e improdutivo o semear de «capelas incompletas».

O amor aos Homens exige que nos debruçemos sobre as suas necessidades vitais. Se pugnamos pela Justiça não podemos ficar em mera expecta-

tiva, aguardando que as pessoas se resolvam a conceber e a planificar aquilo que lhes é essencial. E nós sabemos, e de que maneira, como «causa desordem» a inexistência dum tecto capaz de acolher em condições de dignidade as famílias que se vão constituindo ou já existentes. Embora sem pretensões de resolver todas as questões, vamos procurando minorar humildemente a vasta problemática existente, deixando aos falaciosos a glória de nada fazerem e de doutoralmente irem dando as suas inconsequentes sentenças. Falar pouco e fazer o algo de válido que estiver ao nosso alcance, eis a pauta do nosso proceder.

«O homem sofre» por não ter casa. É pena que ao nível das autarquias e de todas as populações não se viva apaixonadamente este e outros sofreres. Exigências desmedidas duma burocracia paralisante de qualquer dinamismo salutar e eficiente, ao lado dum egoísmo torpe de quem vive instalado ou nunca conheceu dificuldades, são manchas inconcebíveis nos tem-

Cont. na TERCEIRA pág.

Aqui, Lisboa!

Têm sido duma riqueza humana recíproca as horas vividas em comum com algumas Comunidades Paroquiais de Lisboa e arredores, bem como com outros grupos; desde jovens estudantes e trabalhadores às várias famílias que cá se têm deslocado para passar parte do dia connosco.

Nos últimos dois meses não faltaram Colégios, Escolas Primárias e até Jardins Infantis, bem como Liceus e Escolas Técnicas e Ciclo Unificado. Pelo cuidado e carinho posto a preparar estas visitas-convívio e pelo seu alto valor positivo que esse cuidado resultou, não posso deixar de dizer aqui da Escola Primária de S. António dos Cavaleiros — com mais duma visita; Escola Veiga Beirão, onde temos quatro a estudar; o Liceu

de Loures com vários grupos; uns acompanhados de professores, outros não e alguns até vieram a pé. O Ciclo Preparatório desta mesma vila com vários grupos e um carinho muito especial para connosco, onde temos alguns netos a estudar. E, já agora, permitam-me que agradeça aqui às crianças desta vila — algumas dezenas — e a algumas famílias que receberam a nossa Festa no Monumental tal como delas, não se ralando nem com o dia nem com a hora nem com a deslocação a Lisboa e cuja presença muito estimamos. É todo este carinho graças ao amor e entusiasmo de duas Senhoras daquela vila. A todos bem hajam.

Também recebemos, algumas vezes, a caravana de jovens dum Bairro aqui de perto e que fo-

ram desalojados de Camarate para ali. Infelizmente esta transferência de barracas para o bairro, pouco mais foi que a deslocação para outras barracas um pouco melhores — e não em todos os casos. Eu até julguei, ao ver ao longe este bairro, que se tratava dum aviário! Assim se fez, mais uma vez, segregação e não integração. Não dispendo de nada, vêm cá brincar e jogar a bola; e os adultos acompanham, pois é uma maneira de conviverem.

Porém, mereceu-nos especial cuidado a vinda de um grupo de dezasseis jovens (entre os 12 e 16 anos) marginalizados, com cadastro na Polícia e nos Tribunais e alguns com fugas da Tutoria. Instalados em barracas

Cont. na TERCEIRA pág.



Pombas na sacada de granito da casa-mãe de Paço de Sousa. Um lugar de paz!

PALAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

PROFISSÃO DE FÉ — Teve lugar em nossa Casa, como em muitos outros locais, a Profissão de Fé.

O dia estava quente. Eles, os Rapazes, estavam bonitos.

Depois da Missa, foi o almoço; melhorado, é claro.

Só esperámos e tentámos tudo para que o dia lhes tenha corrido na maior alegria — como aconteceu.

TEMPO QUENTE — Ena pá, isto é demais!

Tem estado um calor, mas um calor de se lhe tirar o chapéu!

Falta de água, tempo seco, calor. Tem sido demais. Estamos a precisar de uma valente chuva!

AVISO — No dia 20 de Junho, as nossas equipas tiveram uma grande decepção.

Dois jogos combinados, campo marcado, equipamento pronto; enfim, tudo em ordem e os adversários não apareceram!

Assim não! Se quiserem jogar, perfeitamente de acordo; mas fazer partidas destas... Não está certo!

PRAIAS — Começaram as praias. O calor aperta e só se está bem dentro da água.

A nossa piscina continua em funcionamento mas, qualquer dia é preciso mudar a água; e como não a temos...

O primeiro turno de praia é constituído pelos mais pequenos, acompanhados da sr.^a D. Maria Angélica. Para eles, boas férias!

ESCOLAS — Acabaram as aulas. Chegaram as férias!

Alguns dos nossos estudantes mostram-se satisfeitos com o proveito do ano lectivo. Outros, os reprovados, tristes e descontentes.

Já é costume; nem todos podem ser bons.

Não podemos deixar de felicitar os que ficaram aprovados. Parabéns!

LAVOURA — Ceifou-se o centeio. Os mais velhos levantaram-se mais cedo do que o costume, a fim de darem avanço à tarefa. E o centeio estava tão lindo!

Quanto à nossa batata, contamos com bastante mais que o ano transacto, por havermos cultivado mais campos.

A batata está linda, linda! Está quase pronta a ser recolhida nos nossos celeiros e quem dera que seja muita.

Este ano também temos bastante fruta; pelo menos é mais do que no ano passado.

O Manuel lá anda sempre de «olho fino e pé ligeiro» a ver se há pelas árvores alguma fruta madura e em condições de ser comida.

Já temos alguns campos semeados de milho. Os campos muito bonitos, mas a seca pode estragar tudo. Deus queira que não. E venha chuva!

FOI «O HERÓI» — Sim o «herói». Nome bonito e mesmo a calhar que os tipógrafos puseram a um pardalito.

Nesta época é costume em nossa Casa, ou porque os passarinhos caem dos ninhos ou se perdem da fami-

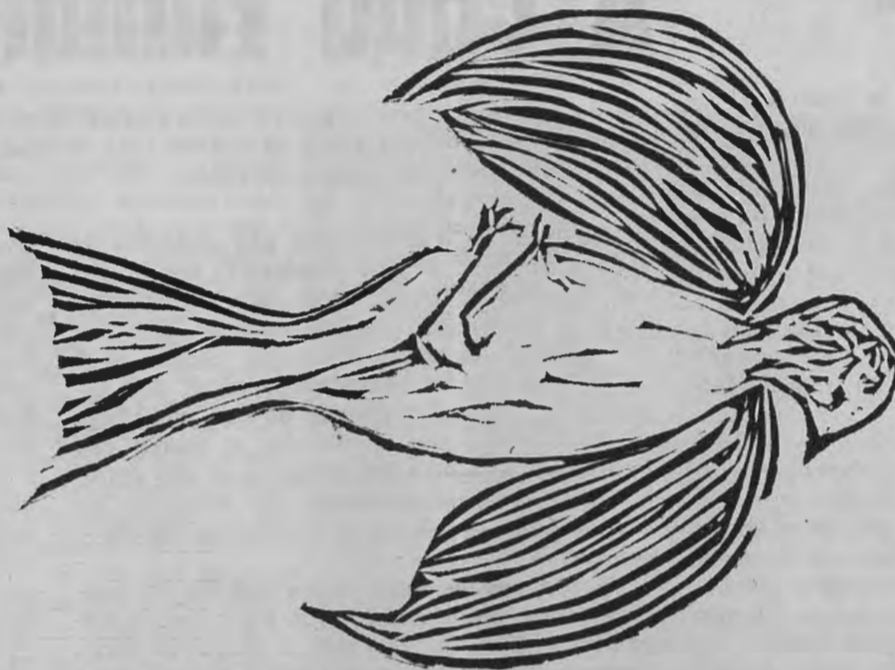
Passou a manhã. Nada!

À tarde, o bichinho cheio de fome começou a piar sem mais se calar. Ternámos a tentar; mas nada!!

Por fim, o Oliveira desmontou algumas peças da máquina para as lu-

o nosso «herói» piava que se fartava. E com várias tentativas do «Rouxinol» lá se conseguiu tirá-lo todo ensofado de óleo, quase morto.

Deu-se-lhe um banho, enchemos-lhe o papito de comida e foi para



lia, criar passarinhos abandonados.

Na nossa tipografia tínhamos dois, mais uma pega que tem por nome «Rita».

Ora acontece que um dia o nosso «herói» se enfia dentro do depósito de óleo de uma máquina de impressão. Bem tentámos tirá-lo, mas em vão.

brificar e melhor poder tirar o «herói». Chegámos à conclusão de que só uma mão pequenina conseguiria tirá-lo.

Escolhemos o «Rouxinol». Acabava a tarde e o pardal não saía!

No dia seguinte, de manhã, ainda

o sol a fim de secar.

Chegou mesmo a parecer que ia dar as últimas, mas lá se foi aguentando.

Um herói! Só passado um dia morreu. Não se alarmem; um «Rouxinol» salvou um pardal!

QUOTIDIANO

Passeios curtos, aos altos e baixos,
Das ruas escuras onde abunda o lixo.
Na cidade há furtos e crimes aborrecidos.
Ouvem-se gritos, zangas, desesperos...
E estradas com sangue e o flagelo
Dos carros barulhentos e agressivos.

*
Calças rotas, cabelos em desalinho,
Por entre a multidão, o mendigo pede.
Todos lamentam, mas ninguém o atende.
De saco às costas, roupa com nódoas e a cheirar a vinho,
Atrás de si tem a canalha miúda
Com palmas, cantos e risos.
É o que no coração ele acumula.
Mulher e filhos esperam-no altas horas.
Quando chega a casa a cambalear
A família acorda e desata em discussão.
Os catraios choram. Ela apanha açoites...
Ele não tem culpa, é o que lhe dão.

*
O sol cansado de iluminar a terra
Esconde-se atrás daquela serra
E a noite cai. Cai suavemente
Na triste paz destes campos
Sem quebrar a harmonia do céu estrelado.
Como as folhas em pleno Outono
Desprendendo-se das árvores
Entoam certa balada...

«CONCERTOS MÚSICAIS» — Já é costume, há uns anos para cá, haver a iniciativa dos «Festivais ao vento», dirigidos pelo «Capitão».

Latas velhas servem de bateria; mocas de guarda-chuvas são microfones; tábuas em forma de viola procuram imitar violas, etc.

Coisas que só o «Capitão» sabe. É vê-lo todos os recreios na sua «bateria». Nunca me dei ao trabalho de lhe perguntar qual era o preço dos bilhetes; mas, pelo que julgo, e com razão, devem ser caros, pois até participa o nosso Amando, cantor famoso!

Enfim, «Festivais ao vento»! É o «Capitão».

RECREIO — Os «Batatas» têm andado muito animados.

Organizam um desafio de futebol, servindo o redondo para «estádio»; redondo por ter a forma circular. A bola de plástico está quase rota...

Foi uma coisa inesperada! Ninguém sabe quem os empurra para isto!

O nosso pretito, Filipe, adoptou agora o nome de «Cubilhas». É o rei da festa! Berros e aplausos dos nossos Rapazes, que se deliciam nas horas vagas a vê-los jogar e apoiarem esta grande equipa.

É uma alegria!

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Abordou-nos outro cliente diário. Desta feita uma Viúva, de há muitos anos.

Ao longo da vida, como milhares delas, tem-se desenrascado só com a força dos seus braços; precariamente, é certo. E, agora, está na curva descendente. Não vinha estender a mão, mas solicitar apoio, a fim de requerer uma pensão a que tem direito.

— Já mandei os papéis prá Casa do Povo, mas desapareceram no caminho...!

— V. trabalhou muitos anos na Agricultura?

— ... Deram sumiço às papéis, não sei como! Q'ando da reforma prás Viúvas, fui à Caixa; mas não sabia o número nem a Caixa do meu home...

— Procurou bem, em sua casa?

— Não tenho nada!

— V. quantos anos tem?

— Sessenta e quatro.

— Onde trabalhou o seu marido?

— Numa venícola, da rua..., do Porto. Morreu cedo. Foi pena! Nesse tempo não faziam caso destas cousas!

— V. procure saber, na firma, a Caixa para onde ele teria descontado.

— É verdade! Inda lá não fui! Naquele tempo havia destas Caixas assim...?

— Sim senhor. Vá lá. E, entretanto, abordaremos a Casa do Povo.

— Está bem. Se não for numa banda pode ser noitra...

● Apreciamos a sede de Justiça dos Pobres. E sentimo-nos felizes quando há pistas que permitam trilhar sempre a primeira via: Justiça Social. Depois, então, se a pensão for insuficiente — quase sempre! — a Caridade suprirá a injustiça. Acusação velada? Sim. Mas não prescindimos desta ordem — a mais lógica.

● Em nossa experiência testemunhamos sempre a legítima vontade de emancipação económica e racional dos Pobres. Sempre!

Exemplo recentíssimo: um casal idoso, pensionista da Casa do Povo, mal recebida a primeira pensão, quis prescindir logo do nosso auxílio regular — porque «há outros que vivem pior».

Gesto heróico e salutar! Não concordámos, delicadamente. E aduzimos razões de peso: teriam de apertar mais o cinto; a vida está cara; o dinheiro cada vez vale menos; e as pensões, irrisórias, não acompanham a inflação, tão pouco são entregues regularmente. E mais e mais, diria Pai Américo.

— Têm razão! Mas darão menos umas notas. Está bem?



Quarta edição do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES»

Estamos na última fase do lançamento do 1.º volume do «PÃO DOS POBRES», em 4.ª edição.

É o Avelino a imprimir endereços na embalagem dos livros; e na difícil crivagem de Assinantes que já teriam recebido a 3.ª edição, de 1958. São ainda os Leitores, sem compromisso de assinatura, que não resistem ao chamamento interior e alinham na procissão, requisitando o «PÃO DOS POBRES». E não só! A Editorial tem onze títulos e apenas um esgotado.

Vai ser um rico verão. Mau grado a prolongada seca! Assim o «PÃO DOS POBRES» desce as almas, pois é um livro muito sério, com muita actuali-

dade. Ninguém melhor do que Pai Américo para dar a notícia; que, aliás, serve de introdução ao corpo da obra:

«O primeiro volume de o «PÃO DOS POBRES», e os mais que se seguirem, é um arranjo das notas semanais que aparecem em o «Correio de Coimbra» desde o ano de 1932: primeiramente sob o título «Sopa dos Pobres» e, agora, «Obra da Rua».

É um livro de ditado. O nome que se vê no lugar do autor, é única e simplesmente o do humilde ouvinte das queixas do Pobre, que escreve dentro da mansarda o que eles ditam, a pedir pão. Por isso mesmo tu choras ao ler, como eu também choro ao ouvir.

Lágrimas vivas, vertidas por Irmãos nossos, não pode o primeiro volume da obra, nem os mais, ser destinado ao público, mas sim colocado em mãos de visitantes do Pobre que conhecem todas as notas do sofrimento e sabem tocá-las com amor. Não será um livro exposto, mas sim procurado.

Se, porém, o encontro ou a palavra fortuita vierem a colocar o «PÃO DOS POBRES» em mãos curiosas de alguém, que esse, quem quer que seja, não passe adiante sem abrir e ler. Não vão gozar os sentidos, antes vai padecer a alma, ao saber quanto no mundo sofrem, imerecidamente, os Pobres — nossos Irmãos!

A queixa deles, amarga e

justa, vai soprar as cinzas do teu coração, como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca deste fé por causa da poeira: o teu coração!»

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA pág.

e carros velhos, num arredor de Lisboa, sobrevivem de pequenos roubos «porque não nos dão trabalho». O seu modo de vida e de tantas centenas doutros — é a vadiagem, a droga e outras misérias que a sociedade lhes dá e eles não querem. Passaram um dia connosco e comeram do nosso caldo. Foi um dia diferente para eles. Que alegria e satisfação demonstraram! Que mágoa nos ficou por os ver voltar à vida que não querem e amanhã serem os novos povoadores de correcções e cadeias que não deviam existir porque ainda não aprendemos que é mais fácil, mais humano e mais eficaz e mais barato evitar cadeias que as sustentar! Quando é que seremos verdadeiramente revolucionários?! Um dia voltarei a estes rapazes, aos seus dramas, suas aspirações e de como seria simples resolver os seus problemas: se todos nós quiséssemos.

Noutro domingo foi a vez da Comunidade Paroquial de Sta. Iria de Azoia. Uma tarde de jogos, brincadeiras e canto. Os jovens trouxeram violas e o «Pardalinho» fez as honras desta, cantando «Uma gaiivota voava». Animados, todos sentimos a tarde pequena e o lanche que trouxeram ainda durou por uns dias.

No dia da Festa no Monumental, além de muitos mimos recebidos — e que bons! — veio, à tarde, um grupo de paroquianos de Bucelas trazer-nos bolos, doces e rebuscados com que quiseram festejar a Profissão de Fé dos jovens daquela vila, dando-nos as deliciosas guloseimas de que se privaram. Já o ano passado assim foi. Não foram sobras; foi renúncia cristã.

Por hoje fico-me por aqui. Não digo obrigado porque vos ofenderia; nem que voltem, porque sei que voltarão. Deus é Pai e todos somos Irmãos.

Padre Abraão

tas de estudo. Contacto directo com as realidades de um Povo à procura do seu caminho.

Assinalámos mais curiosidade nuns do que noutros. Foi sempre assim. Houve, no entanto, um cicerone que se impôs; não só pelo método utilizado como pelo seu poder de comunicação: o «Tiroliro». Está doutorado!

Além dos que utilizam os mais variados meios de transporte, alguns visitantes chegam até nós a pé! Discretamente. E a maior parte termina a viagem, com recato, no supedâneo da Capela, centro deste «santuário d'almas», cuja Seiva dá Vida às nossas Comunidades.

Júlio Mendes

A cada Família o seu lar

Cont. da PRIMEIRA pág.

pos que vivemos. Muitos protestam e reivindicam mas não são capazes de mexer uma palha pelos semelhantes; outros, se alguma vez estiveram em dificuldade, satisfeitos os seus anseios ou designios, rapidamente se ensimesmam ou insensibilizam. Terrenos, materiais e dinheiro não faltarão, todavia, se todos nos embebermos do espírito de fraternidade que nos deve envolver, na visão da «Civilização do Amor» que, sem exclusividade e sob pena de demissão, somos chamados a construir como actores e espectadores solidários no palco do Mundo em que vivemos.

«A casa é pertença natural do homem, como a concha do crustáceo e o ninho do passarinho», afirmou Pai Américo. A Obra da Rua faz questão de continuar a lutar pelo elemento direito do homem à habitação. Entretanto, enquanto houver alguém sem abrigo, convida todos os que podem a resolver os problemas dos que precisam, em justiça e em caridade, a associar-se intimamente à cruzada de dar a cada Família o seu lar.

Visitantes

A nossa Aldeia de Paço de Sousa tem sido uma autêntica romaria, tanto aos domingos como em dias úteis!

Muitos Amigos, pela mão dos nossos cicerones, percorrem os cantos e esquinas da Casa, inteirando-se da nossa vida.

São mais felizes, porém, os que nos visitam em dias úteis. Colhem uma melhor impressão da nossa Aldeia, onde «o trabalho é rei», do campo às oficinas; não esquecendo a cozinha, ponto nevrálgico em qualquer família.

Não podemos fazer um balanço pormenorizado das centenas de pessoas ou das colectividades que recebemos com amizade, na medida em que «nós somos a porta aberta».

Por isso mesmo, jamais poderíamos distinguir seja quem for. Norma tão certa, à qual não fugiu, inclusivé, a esposa de um candidato à presidência da República.

E já que entramos na difícil repescagem de notas expressivas, a maior parte da multidão foram alunos e professores de estabelecimentos do Ensino Básico e Secundário. Visi-

Aprendemos muito com o apurado sentido de Justiça de alguns Pobres!

PARTILHA — O caudal tem um volume certinho, que vai dando o mínimo indispensável a cada um dos Pobres.

Esta coluna é, ainda, um grande apoio para a nossa fé. Testemunho da presença providencial de Jesus, por intermédio dos nossos estimados Leitores — com o devido respeito por quantos não aceitam o mesmo Caminho.

Do Luso recebemos um cheque, «agradecendo seja distribuída a importância como entenderem, o que é mais equilibrado; e peço para de modo algum referirem o meu nome no jornal». O sublinhado não é nosso, o que torna mais expressivo o voto ou intenção.

Queluz, presente com um vale do correio de 1.000\$00. Esta nossa Amiga estava aflita, e com razão, pelo silêncio. Mas, um vale registado sem carta a acompanhá-lo, seria pura e simplesmente lançado na ficha de «O GAIATO», desde que o remetente seja assinante. Aqui temos um esclarecimento muito oportuno.

Uma delicadíssima carta de Faro, com 150\$00. Sensibiliza-nos o apurado sentido desta Leitora pela acção das Conferências Vicentinas.

Mais 500\$00 de Fiães, 100\$00 de «velha Amiga» lisboeta e cinco dólares de Naugatuck (USA). Temos, ainda, mais 50\$00 de J. A. C. da Presa Velha (Porto) em «sufrágio da alma dos meus familiares». Cinco vezes mais de um senhor Engenheiro, muito amigo, de Lisboa. Outro que abraçámos em recente visita, 100\$00. Metade da assinante 27089 «em memória de Francisco». Assinante 28216, 500\$00. Macedo do Peso, 100\$00. Assinante 9790, 250\$00. Mais 20\$00, do Porto, de «Avó Antiga». Continui, como puder, mas dirija tudo à Conferência. Estremoz, «uma pequena lembrança» de 50\$00, «pela alma de minha mãe». Seixal: «Para os Irmãos da Conferência, os 600\$00 habituais com toda a fraternidade em Jesus Cristo, que disse que sempre haveríamos de ter Pobres. Ele sabia o nosso egoísmo. Mas também é certo que sempre haveremos de ter doentes, e no entanto é nossa obri-

gação lutar contra a doença». Finalmente, em cumprimento de um voto, 1.000\$00 de Joanesburgo, África do Sul.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Vendedores de «O GAIATO» no Norte do País

O «Cascais» — Eu vendo na sexta-feira, e levo 250 jornais porque tenho de ir aos Bancos que no sábado estão fechados.

No sábado vendo na rua Santa Catarina.

O «Tiroliro» — Sábado está na rua dos Clérigos e no domingo na Igreja da Nossa Senhora de Fátima, nos cafés e nos restaurantes.

O «Campanera» — Vendo no sábado da parte da manhã 90 jornais, em dois Correios e nos Congregados. No domingo está nos Congregados.

O «Rouxinol» — É vendedor em Braga. Leva 200 jornais e vai sábado e só vem no domingo à noite.

O Mendão — Segue para Aveiro e leva 400 jornais. Anda por lá sexta-feira, sábado e só vem no domingo à noite.

O «Girassol» — É vendedor em Viana do Castelo. Leva 100 jornais e regressa domingo à noite.

O «Papagaio» — É vendedor na Póvoa de Varzim. Leva 100 jornais para sábado e domingo.

O Alberto — Vende no Palácio de Cristal, do Porto, no sábado e leva 100 jornais. No domingo vai à Igreja da Lapa.

O Jorge — É vendedor no Porto, na Praça à beira do Bolhão; e, no domingo, em S. Mamede de Infesta.

O «Rolita» — É vendedor no Porto. Vai ao Bolhão; e domingo, à rua Santa Catarina e à Igreja das Almas.

O «Salsichas» — Segue para Valongo com 100 jornais. Vende no sábado todo o dia e, à noite, vem para casa. Domingo de manhã vai outra vez, mas para a Igreja de Valongo.

O Cipriano — É vendedor de sexta-feira. Leva 250 jornais e, domingo, fica na Igreja das Antas.

O Pacheco — É vendedor do Porto. Entrou para aí há quatro quinzenas atrás e ainda não tem zona. Anda na praia da Foz do Douro.

O Emílio — É novo vendedor. Ele e o Henrique vão para a Areosa e, domingo, para Rio Tinto.

O Henrique — Vende no Porto. Leva 100 jornais e vai também, no sábado, para a Areosa e, no domingo, para Rio Tinto.

O «Régua» — É novo vendedor. Anda à sorte. Domingo, vende também à sorte.

O «Algarvio» — É vendedor no Porto. No sábado vende na Boavista e, domingo, na Igreja do Carvalhido.

O Escalera — É vendedor no Porto, mas só no sábado à tarde e no domingo de manhã. Sábado vai aos cafés da Praça da Liberdade e domingo aos Bairros de Miragaia.

O «Spínola» — É vendedor no Porto à sexta-feira. No sábado segue para Ermesinde e, domingo, está na Igreja da Trindade.

O «China» — É vendedor no Porto. No sábado anda no Marquês e, à tarde, no Hospital de S. João. No domingo fica na Igreja do Marquês.

O Morgado — É vendedor no Porto e em V. N. de Gaia. No domingo está na Igreja de V. N. de Gaia.

O João — É vendedor no Porto. Sábado, na Praça dos Leões; e, domingo, Igreja do Carmo.

O Ganhão — É vendedor em Espinho. Leva 100 jornais. Vai no sábado à tarde e regressa no domingo à noite.

O «Riera» — É vendedor em Espinho. Leva 250 jornais para sábado e domingo. Regressa à noite.

O «Xabregas» — É vendedor no Porto. Sábado vende na rua Santa Catarina e, domingo, na Igreja dos Espanhois.

O Torres — Vende no Porto. No sábado, rua de Cedofeita e, no domingo, Igreja de Cedofeita.

Por enquanto, os vinte e cinco vendedores passam 4.750 jornais.

E o Álvaro foi o melhor chefe dos vendedores. Gosto muito dele.

Manuel Joaquim Cardoso Miranda
«Cascais»

HABITAT

Cont. da PRIMEIRA pág.

regradas com todo o cortejo de problemas que elas implicam.

Em 1970 era necessário proporcionar morada a 813 milhões de famílias no mundo. Em 1985 prevê-se que a carência tenha aumentado de 45%.

x x x

Deus nos livre de que estas vistas do presente e do próximo futuro nos quebrassem ânimo para reagir.

Nestes números cabem os nossos. Quantas angústias o dia-a-dia nos traz! Ainda ontem, um casal já na encosta descendente da vida, que foi nosso vizinho em Malanje. Ela empregada, ele sem trabalho,

a viverem precariamente e sem garantias de permanência num anexo da fábrica onde ela trabalha. Se esta possibilidade de morar caduca de um momento para o outro (e é esse um risco permanente) eles não têm onde ficar. Têm corrido — e nada lhes aparece ao nível dos quatro contos que ela ganha e dos quais tem de sair toda a subsistência do casal.

Ora uma conclusão que a própria folha das Nações Unidas regista é que este reconhecimento da gravidade e da generalidade do problema tem de levar urgentemente à acção. Tem de nos comprometer a todos na planificação e realização de comunidades mais humanas. «A participação popular deve constituir o elemento fundamental de todas as actividades nacionais na esfera das instalações humanas. A forma de lograr esta participação constituirá o grande tema da Conferência de Vancouver.» Não-de ser as organizações não governamentais, os grupos de cidadãos, que, com os seus planos e esforços para realizá-los, não-de pressionar os governos a fazerem o mais possível, sim, mas também a fomentar e não entorpecer com peias burocráticas todas as iniciativas privadas em ordem ao preenchimento destes tremendos vazios que põem em risco a sobrevivência sã e de cariz humano, de milhares de milhões de homens que sobrevivem à face da Terra.

Espero que outra folha do Centro de Informação Económica e Social das Nações Unidas nos há-de trazer notícias do que se passou em Vancouver; e, se assim for, aqui me farei eco, para que, duplamente estimulados, agora por este panorama trágico e depois pela sugestão de meios práticos para agir, todos nos demos as mãos e partamos à cruzada de salvar o Homem do esmagamento sob a civilização técnica e urbana que as gerações passadas nos legaram.

Padre Carlos

maior apoio oficial às famílias refugiadas e espalhadas pelo interior do País! Que os Refugiados da província não pressionam directamente os Serviços centrais do IARN, em Lisboa ou no Porto...

Não temos procuração desta gente, destes Pobres. Somos humildes recoveiros. Mas, se nos calássemos, teríamos vergonha de lhes dar a mão, com amizade; de lhes entregar regularmente aquilo que os nossos Leitores mandam diariamente para os vicentinos distribuírem.

Enquanto determinados clãs reivindicam o impossível, os sem-voz continuam a ser calçados ou calados; em benefício de quem?! Não vamos entrar em pormenores. A Imprensa já vai dando notícias. Um mal arrasta sempre outros males.

São palavras duras? São. Mas temos lido e ouvido muito pior. Seja de poetas da nova vaga, seja de poetas gandistas... como os das feiras.

Muitos têm sido os assuntos e as vezes que a oportunidade nos diz ser necessário estar presente. Mas a pouca disponibilidade, o asoberbamento de afazeres e até o cansaço, têm sido, além de outros, entraves a que tenhamos dado, ao menos que fosse, um «passito em frente». Perdoai, muito embora as desculpas sejam fráguas.

Arrastámos, com o nosso «enjoo», também o tempo; e o resultado é que aqui mesmo à frente, há um amontoado de cartas traduentes de corações generosos que muito nos têm ajudado a estabilizar a vida. Corações abertos à vida, à realidade cada vez mais crua que se abate sobre quantos não têm pão, nem casa, nem carinho, nem apoio, nem o rudimentar para que cresçam livres e felizes. Sobre nós têm desa-

SETUBAL

bres». «Envio esse cheque (500\$00), como contributo de Natal. Deus nos dê um Novo Ano pacífico e na Justiça Social.» Sr. P. e Marques, 500\$00. Mais 500\$ de Jesuína, Palmela. Dois mil, de S. Domingos/Benfica, para «que o Menino do Presépio nos alcance a pobreza interior, a humildade e a confiança para aceitarmos sempre e em tudo, a vontade do Pai». Uma oferta singela de 1.250\$00 do Grupo «Pai Nosso»/Pinhal Novo — «oferta insignificante, pois os fundos do Grupo são paupérrimos». José Carlos, de Algés, mais cem. Etc.

Na campanha da Páscoa, e outros, assinalamos mais presenças significativas. Da Rua do Castelo, em Setúbal, cem

M. M. (Porto), para a Páscoa, 1.000\$00, «com a amizade de sempre». Mais 500\$ de Armando Fernandes Pereira da Silva, que deseja acusemos recepção, mas não envia nas suas duas cartas a direcção. Mais cem, trazidos pelo sr. Pe. Moura. M. N. Palhinha, «a favor dum Auto-construtor», dois mil em vale. Da rua Braancamp, em Lisboa, um vale registado de um conto. 100\$00 + 70\$00, para Missas por alma de Jorge Alves Fernandes. João Azuaga, mais 100\$. «Agradeço uma oração», 150\$. Dentro dum pequeno envelope, entregue nas nossas oficinas, várias vezes 20\$00. Mais 200\$, de Fátima. D. Regina, 100\$00: «Agradeço lembrem nas

POBRES

Ela é viúva. Tem só dois filhos; um de doze, outro de catorze anos, estudantes. O homem mataram-no por lá, por essa Angola portentosa. E coibida!

Regressaram apenas com o que traziam no corpo...

Não são réus. Mas vítimas. E como estas, quantas?!

Chegaram no princípio do ano. Atesta-o, inclusivé, uma declaração do IARN, de 6/1/76.

Instalaram-se, amontoados, na residência de uns parentes, proletários. Mas, como o Senhor sabe as contas que faz, vaga entretanto uma moradia do Património dos Pobres. Fomos alertados. E resolvemos o problema imediatamente. As casas do Património dos Pobres não são esmola. Estão ao serviço dos direitos inalienáveis dos Pobres.

A moradia foi para Refugiados. Assim mesmo, com todas as letras; já que a verdade tem mais força do que o jogo de semântica política, que sempre detestámos.

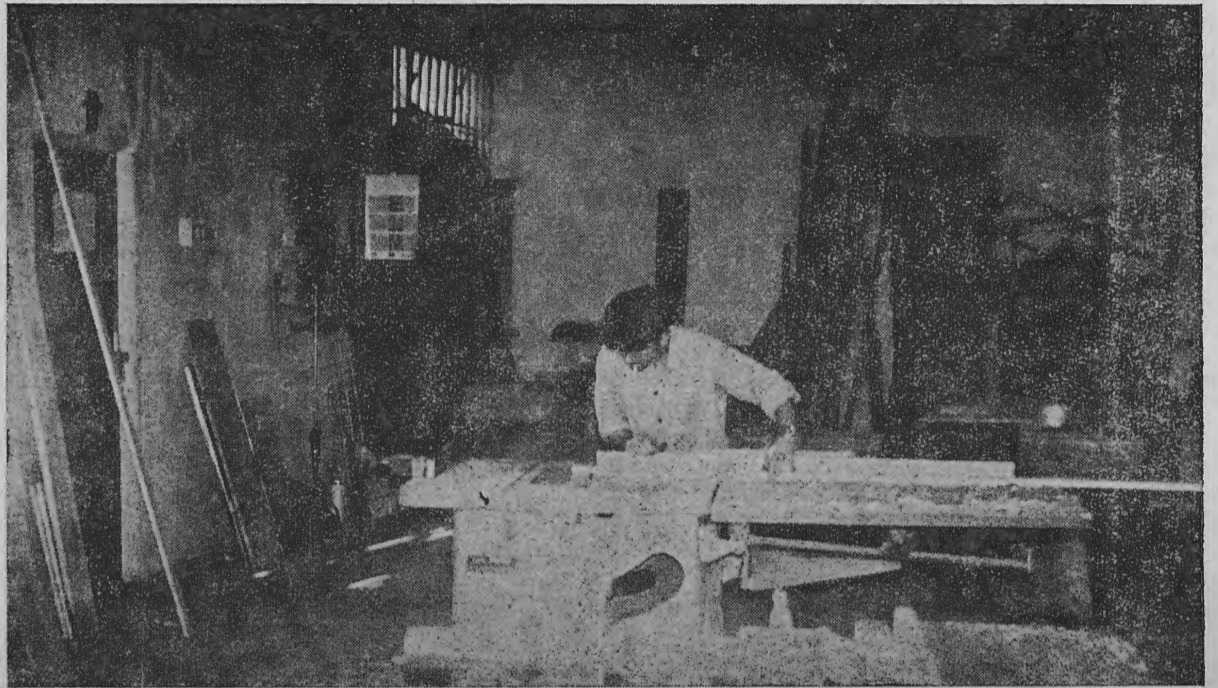
É um duplo acto de justiça! Quem nos havia de dizer, em 1952, que os dois ou três mil contos oferecidos em Angola e Moçambique por mãos calçadas, e com destino à primeira arrancada do Património dos Pobres, haveriam de ser cobertos para seus Irmãos destelhados compulsivamente em 1976?!

Ela é uma viúva à moda d'antes. De negro dos pés à cabeça. Resignada, mas não convencida. Viril. Rosto sereno, aflorando aqui e ali — no meio de tanta injustiça! — um sorriso d'alma tranquila.

Tem lá, na parede, a cruz do Calvário. Sinal de vida cristã. Outra mulher forte de que nos fala a Sagrada Escritura.

Mostra-nos, ainda, mais uma declaração (papéis...), da Comissão Concelhia dos Desalojados do Ultramar, de 3/2/76; e pela qual, até agora, só recebeu a título eventual: conservas, arroz, massa, camisolas d'algodão, cobertores e um lençol. Mais nada!

Na generalidade, segundo nos afirmam, tem sido este o



Carpintaria de Setúbal. Ernesto em acção.

bado estes caudais ininterruptos de ajudas. E necessário se torna que prossigamos, corpo cansado mas olhos postos lá no mais Alto, donde irradia a jorros a justiça, a fraternidade e o amor.

Pois vamos dar conta, ainda que não inseramos todos (...seria um livro!), de como estas almas aflitas que sentem e sofrem os problemas dos Outros, têm assinalado a sua presença desde o Natal.

Eles são anónimos. Um com 1.600\$00. Deixou e foi-se embora. Outro com mil. Maria Vitória, sem mais, entregou 250\$00 «para lembrar nas suas orações». Mais um com 500\$00. Na campanha de Natal, uma multidão. Hortênsia Fidalgo e Maria do Carmo Fidalgo, ambas com 500\$00. Outro com cem e doçarias. Trabalhadores da Pro-Funk, Monte Mudo-Sines, mais 1.650\$00 enviados por um amigo de longa data. Mais cem. E mil e quinhentos. «Como sou uma pessoa doente, não posso mandar mais»: 100\$00. Helena, de Setúbal, duas vezes cem escudos «para os vossos Po-

escudos. Oferta dum amigo, por intermédio da Paróquia do Castelo, 110\$00, em selos de correio. Para uma Missa, mais 500\$. Outro tanto «por alma de Severino Cardoso de Matos». Triste com a perda do marido, da rua Gomes Teixeira, envia vale de 300\$00, mas incita: «Meu padre, saúde e forças morais para suportar a cruz que tão abnegadamente escolheu». António Vieira, deixou sua presença com cheque de 10 contos. Da rua das Amoreiras, uma presença constante com donativos mensais de cem escudos. Idem, com o Casal Freitas Costa, de Miragaia, estes com 200\$ mensais. «Para mais uns bifeinhos de quem mais precisar», todos os meses envia 20\$00. Casal Rivers, de Provincetown / Massachussets, uma presença com dólares em todas as festas de Natal e Páscoa. Sempre presentes, também, os amigos da Quinta do Anjo, com dinheiro, géneros e manifestações de carinho e amizade. Águas de Moura, idem; e registamos sua presença de Quinta-Feira Santa: 3.123\$50. Óscar Bento, «pequena ajuda e boa Páscoa», 400\$00. De

vossas orações meu querido filho». Pessoa de Águas de Moura, 120\$00. «Por intenção de Aurélio Pratt Silva», 100\$. Do sr. Dr. Noronha, mais três contos. Um conto e cem de Maria Helena F. Teixeira. Mais três do sr. Manuel José Soares. «De parte da venda das jóias de meu filho»: 2.000\$00. De M. A. Rabaça, presença assídua e muito amiga, vários donativos em vales de correio. Mais 500\$. Mais 200\$. Mais 100\$.

Temos ainda uma imensidão de cartões de Boas-Festas, cartas de incitamento e apoio. Grupos de Amigos fizeram subscrições entre si e trouxeram-nos mercearia, doces, carnes, peixe, para que o Natal e a Páscoa dos Gaiatos fossem mais quentes. Outros (e também foram muitos), individualmente, casais, remediados, pobres, novos e velhos, nos encheram a despensa.

Para todos (aqui citados ou não) o nosso sincero muito obrigado.

Rogério

E os Pobres, sem-voz, vão comendo e calando no meio das mais inverosímeis infantilidades!

Não está certo!

Hoje, em Junho de 1976, Pai Américo não diria mais nem menos. Assim ele fosse, em carne e osso, no meio de nós.

Júlio Mendes



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa